

NOÇÕES DE PESSOA E DE FAMÍLIA: PERSPECTIVAS PERSONALISTAS NO SÉCULO XX

Urbano Ferrer Santos

Catedrático de Filosofia Moral na Universidade de Murcia (Espanha). Autor dos livros: *¿Qué significa ser persona?*, *Acción, deber, donación*. Dos dimensiones éticas inseparables de la acción, ademais de ampla produção acadêmica. E-mail: ferrer@um.es

Reinaldo Batista Cordova

Doutorando na Universidade de Murcia (Espanha). Trabalhos publicados na área de família e catolicismo. Professor do Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília. E-mail: cordovarey@gmail.com

Resumo: *O presente trabalho examina a conceituação de pessoa, segundo a perspectiva personalista, para em seguida analisar como se poderia aplicar essa visão à representação de família, no contexto histórico conciliar e pós-conciliar. Realiza-se uma revisão da literatura, consultando alguns dos principais representantes desta corrente de pensamento, como Jacques Maritain e Dietrich Von Hildebrand. Com essa atividade se verifica que setores importantes da Igreja Católica assumem argumentos personalistas como prerrogativa para a defesa e valorização da pessoa e de projetos concretos no campo do controle da natalidade, como recurso para se combater a crise moral que afligia a humanidade.*

Palavras-chave: *Catolicismo. Crise. Magistério. Personalismo. Controle de natalidade.*

Abstract: *This paper examines the conceptualization of the person, according to the personal perspective, and then analyzes how this vision could be applied to family representation in the conciliar and post-conciliar historical context. A review of the literature is carried out, consulting some of the main representatives of this current of thought, such as Jacques Maritain and Dietrich Von Hildebrand. This activity shows that important sectors of the Catholic Church assume personalistic arguments as prerogative*

for the defense and valorization of the person and concrete projects in the field of birth control as a resource to combat the moral crisis that afflicted humanity.

Keywords: *Catholicism. Crisis. Magisterium. Personalism. Birth control.*

Resumen: *El presente trabajo examina la concepción de persona, según la perspectiva personalista, para luego analizar cómo se podría aplicar esa visión a la representación de familia, en el contexto histórico conciliar y post-conciliar. Se realiza una revisión de la literatura, consultados algunos de los principales representantes de esta corriente de pensamiento, como Jacques Maritain y Dietrich Von Hildebrand. Con esta actividad se verifica que sectores importantes de la Iglesia Católica, asumen argumentos personalistas como prerrogativa para la defensa y valorización de la persona y de proyectos concretos en el campo del control de la natalidad, como recurso para combatir la crisis moral que afligia a la humanidad.*

Palabras clave: *Catolicismo. Crisis. Magisterio. Personalismo. Control de natalidad.*

Sommario: *Questo articolo esamina la concettualizzazione di persona, secondo la prospettiva personalista, e quindi analizza come questa visione potrebbe essere applicata alla rappresentazione di famiglia nel contesto storico conciliare e post-conciliare. Viene*

effettuata una revisione della letteratura, consultando alcuni dei principali rappresentanti di questa corrente di pensiero, come Jacques Maritain e Dietrich Von Hildebrand. Questa attività mostra che importanti settori della Chiesa cattolica assumono argomenti personalistici come prerogativa per la difesa e la valorizzazione della persona e di progetti concreti nel campo del controllo delle nascite come una risorsa per combattere la crisi morale che affligge l'umanità.

Parole chiave: *Cattolicesimo. Crisi. Magistero. Personalismo. Controllo delle nascite.*

Résumé: *Cet article examine la conceptualisation de la personne selon son point de vue personnel, puis analyse comment*

cette vision pourrait être appliquée à la représentation de la famille dans le contexte historique conciliaire et post-conciliaire. Une revue de la littérature est réalisée, en consultant quelques uns des principaux représentants de ce courant de pensée, tels que Jacques Maritain et Dietrich Von Hildebrand. Cette activité montre que d'importants secteurs de l'Église catholique assument des arguments personalistes comme prérogative de la défense et de la valorisation de la personne, ainsi que des projets concrets dans le domaine du contrôle des naissances en tant que moyen de lutte contre la crise morale qui a frappé l'humanité.

Mots-clés: *Catholicisme. Crise. Magistère. Personalisme. Contrôle des naissances.*

INTRODUÇÃO

Aparentemente, o ser humano contemporâneo entende o que é pessoa e o que é família a partir de seus próprios pressupostos. Isso se dá porque todo ser humano tem alguma percepção de família em sua história¹, como também cada ser se percebe como pessoa em algum sentido. Entretanto, existem representações e imagens de como os sujeitos, no caso pessoas, se formam e são tratadas no interior das famílias, que podem não convergir para aquelas construções pessoais e empíricas. Definitivamente, pessoa e família não são estruturas dadas como prontas, muito pelo contrário; a família está em constante transformação, bem como a percepção do que é pessoa.

Em uma análise sobre um objeto tão amplo e complexo, se faz necessário delimitá-lo, para viabilizar a análise. Por esse motivo, nos dedicamos a examinar o que é ser pessoa dentro de um contexto específico, que seria a consolidação do sistema personalista que se propõe, grosso modo, a ver o ser humano em comunicação com o outro, para que ambos se desenvolvam; é dizer, um projeto altruísta de ver e interagir com o humano, em que a argamassa é o amor, resultado de uma ação livre e racional. Por

¹ CHACÓN, Francisco; BESTARD, Joan. *Familias. Historia de la sociedad española: del final de la Edad Media a nuestros días*. Madrid: Cátedra, 2011.

esse motivo, o espaço familiar se mostrou adequado para se aplicar essa concepção de pessoa, como via de preservação e autoproteção contra crises e ameaças a um modelo organizativo.

Durante o século XX, inúmeros setores intelectuais, muitos deles vinculados ao catolicismo, intensificaram a definição de que o mundo em que viviam estava em crise. Não era uma percepção necessariamente inovadora, mas ganha força com as transformações provocadas pela comunicação, novas tecnologias e avanço do secularismo². Diante desta verificação, o silêncio e a passividade não seriam o caminho apropriado, senão seu oposto. Iniciou-se uma forte ação de estudo e divulgação do valor da pessoa, antes que do indivíduo, como evidenciava Jacques Maritain³, um dos principais representantes deste movimento.

A maneira peculiar como o personalismo passou a indicar o espaço e as atribuições do ser humano, lograram conquistar enorme relevância a ponto de ver suas sugestões aceitas e defendidas no evento mais importante do catolicismo do século XX, o Concílio Ecumênico Vaticano II. Esse trabalho pretende lançar um olhar aos pressupostos personalistas sobre a pessoa humana e seu impacto na família.

CONTEXTO HISTÓRICO: IMAGINÁRIOS SOBRE CRISES NO SÉCULO XX

Muitos dos pensadores dedicados, durante o século passado, a examinar a conjuntura relacionada à pessoa e à família⁴ partiram de uma premissa de que o mundo, ou de maneira mais específica, a sociedade⁵, passava por um momento chave em sua história, muitas vezes interpretada

² KOSELLECK, Reinhart. *Crítica y crisis: un estudio sobre la patogénesis del mundo burgués*. Madrid: Trotta, 2007.

³ MARITAIN, Jacques. *Para una filosofía de la persona humana*. Buenos Aires: Club de lectores, 1984.

⁴ WOJTYLA, Karol. La verdad de la Humanae Vitae. *Revista de antropología y cultura cristiana*, v. 13, n. 19, p. 8-18, 2008; HILDEBRAND, Dietrich von. The encyclical Humanae Vitae: A sign of contradiction. In. SMITH, Janet E. *Humanae Vitae was right: a reader*. San Francisco: Ignacio press, 1993.

⁵ Se evidencia que a definição de sociedade é arbitrária e generalista, dado o fato de que observações sobre regiões amplas, como poderia ser um continente, um país ou uma região, possuem em seu interior uma variedade praticamente impossível de ser definida e estancada. Ainda assim, optamos por utilizar esse termo, na falta de um mais apropriado e devido à brevidade deste texto, que impede entrar um exame complexo sobre sua conceituação.

como prejudicial. Por isso, urgia o retorno aos princípios elementares do ser humano, para salvaguardá-lo de uma possível e provável destruição.

Avanços tecnológicos nos campos das ciências biológicas, como também na construção de cenários de consumo e de massificação, levavam referidos pensadores a definir o mundo como estando: *em crise*. Esse é um vocábulo com uma trajetória específica, alvo de observações aguçadas de algumas das mentes mais brilhantes do século XX⁶. Constata-se que é um conceito chave para entender a organização social nesse período como em estado de enfermidade e necessitada de auxílio.

Quando se cita o campo das ciências biológicas, o foco pode ser dirigido ao tema da reprodução humana, que estaria relacionado em alguma medida ao consumo e à massificação. A reprodução humana era uma questão apontada por muitos governos e autoridades científicas como um problema estritamente grave, o qual requeria uma resposta rápida e apropriada, a fim de se evitar uma catástrofe. Nesse contexto, surge como alternativa ao crescimento “desordenado” a possibilidade de “ordenar” seu ritmo, pelo bem individual e coletivo. Para isso se desenvolvem métodos contraceptivos artificiais, como por exemplo a pílula anticoncepcional.

Frente a esse cenário de valorização de medidas intervencionistas na planificação pessoal e familiar, surgem, ou de maneira mais apropriada, se desenvolvem pesquisas que dirigiam sua vista para a essência do ser, para seu íntimo. O objetivo desta atitude parecia evidente: promover a personalidade do ser antes da potencialização do indivíduo.

Demonstrar com uso da razão que existe um motivo para que uma pessoa sublime suas apetências e se doe aos demais, sendo o amor entendido como amálgama entre os seres⁷. Esse era um dos caminhos adotados pelos pensadores personalistas, à hora de propor o respeito às regras estabelecidas pela Lei Natural, no tocante ao planejamento e organização

⁶ KOSELLECK, op. cit.; ARENDT, Hannah. *La condición humana*. Barcelona: Paidós, 1993.

⁷ HILDEBRAND, op. cit.

das relações entre pessoas, em um cenário familiar, considerando a liberdade dos sujeitos e sua capacidade de comunicação.

Situação tão importante que levou essa linha de pensamento a influenciar a elaboração de alguns dos documentos mais importantes da Igreja Católica no século XX, de maneira especial, a partir dos pontificados de Paulo VI, incluindo-se nesse cenário o magistério de João Paulo II. Entre os documentos elaborados e com grande repercussão se destacaria a *Gaudium et Spes*, um dos marcos do Concílio Vaticano II, mas também se poderia somar a Encíclica *Humanae Vitae*, bem como vários textos que buscavam interpretar e aprofundar a mensagem destes documentos.

Com o intuito de demonstrar a existência do imaginário de crise, poderíamos observar uma miríade de documentos, mas consideramos que estes dois, por serem amplamente citados pelo Magistério, prestam o papel desejado, sem que com isso, se caia no vício casuístico, ademais de expressarem a visão alternativa que se propunha desde as fileiras personalistas.

No início da *Gaudium et Spes*, pode-se ler:

*Nos nossos dias, a humanidade, cheia de admiração ante as próprias descobertas e poder, debate, porém, muitas vezes, com angústia, as questões relativas à evolução atual do mundo, ao lugar e missão do homem no universo, ao significado do seu esforço individual e colectivo, enfim, ao último destino das criaturas e do homem*⁸.

Estabeleceu-se que o mundo passava por um momento de angústia, ou em outras palavras, de *crise*. A Igreja não estava isolada do mundo, por isso, se enfrentava a dilemas existentes também em outros âmbitos. A proposta personalista e eclesial para minorar esse sofrimento poderia ser oferecida pela volta às origens, aos princípios virtuosos da humanidade,

⁸ CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Constituição Pastoral *gaudium et spes*. In:..... *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 541.

em um processo de respeito e subordinação ao transcendental, antes que à utilização dos recursos disponíveis para egoístico uso. Isso significava para o personalismo que as angústias humanas não seriam supridas pelo usufruto de bens e pela coisificação dos semelhantes, senão pela percepção do outro como um valor por si mesmo⁹.

O documento é uma resposta, ou uma tentativa de resposta às pessoas, independentemente de seu lugar no plano religioso¹⁰. É dizer que o próprio documento se abre ao outro, ao não igual, mas àqueles que possuem a faísca de semelhança que caracteriza a pessoa. Apesar de constatar uma crise, os padres conciliares não se contentaram em condenar a causa da angústia, ao contrário, buscaram oferecer um apoio, respeitando precisamente os limites estabelecidos pela natureza.

Existindo a crise, essa se configurava em diversos cenários, como poderiam ser a guerra, a miséria, a desigualdade social, o crescimento demográfico desordenado, etc. Ainda que fosse apropriada a definição de crise, os prelados reunidos na cidade do Vaticano não puderam, por vários motivos, especificar, como alguns desejavam, os campos de atuação da Igreja na solução desses problemas¹¹. Ainda assim, deixaram marcas que posteriormente foram empregadas por secretarias da Santa Sé e pelos papas Paulo VI e João Paulo II, para fundamentar sua argumentação em favor da valorização da pessoa e da família, nos moldes católicos.

Por exemplo, considerando a Encíclica *Humanae Vitae*, de Paulo VI, provavelmente o documento mais polêmico da Igreja no século XX¹², nos damos conta de que o autor percebia que o mundo passava por uma crise, que se manifestava de muitas maneiras, sendo a moral uma das mais

⁹ BURGOS, Juan Manuel. *Diagnóstico sobre la familia*. Madrid: Palabra, 2004.

¹⁰ CHENAU, Philippe. *El concilio vaticano II*. Madrid: Encuentro, 2015.

¹¹ MARENGO, Gilfredo, *La nascita di un'enciclica: Humanae Vitae alla luce degli archivi vaticani*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018; CHENAU, Philippe. op. cit.

¹² KAISER, Robert Blair. *The politics of sex and religion*. Disponível em: <[http:// www.smashwords.com](http://www.smashwords.com)> (eBook), 2012.

preocupantes para a Igreja daquele momento¹³. Por isso a necessidade de apresentar uma doutrina sobre a procriação e o controle da natalidade, quando papas se manifestaram sobre a ilicitude do uso de métodos contraceptivos¹⁴.

A demanda coletiva, é dizer, dos matrimônios, ia no sentido de solicitar uma flexibilização da normativa, em vistas a poder utilizar métodos como a pílula anticonceptiva sem incorrer em um pecado. Ainda que essa demanda encontrasse eco dentro da Instituição¹⁵, o magistério optou por permanecer na linha do que já havia sido escrito por Pio XI na *Casti Connubi*, em 1931 e em um discurso de Pio XII, em 1951. Em ambos, se condenava a utilização da contracepção artificial como sendo um mal e portanto como fonte de destruição do ser humano.

Na base argumentativa de Paulo VI, estava o entendimento de que o contraceptivo, ou qualquer outro método não natural de regulação da natalidade, era um grave atentado contra a ordem moral estabelecida pela Lei Natural. Portanto, não era simplesmente uma questão de escolha, mas de subordinação à regra estabelecida por Deus.

O amor conjugal exprime a sua verdadeira natureza e nobreza, quando se considera na sua fonte suprema, Deus que é Amor, «o Pai, do qual toda a paternidade nos céus e na terra toma o nome». O matrimônio não é, portanto, fruto do acaso, ou produto de forças naturais inconscientes¹⁶.

Rejeitar essa normativa feria profundamente a essência da pessoa, ou das pessoas. Neste ponto, com o auxílio do pressuposto personalista, se construiu a linha argumentativa de que a doação de si mesmo ao outro, no

¹³ A *Humanae Vitae* esteve em estudo durante mais de uma década, seu conteúdo chegou a ser debatido no Concílio Vaticano II e no Sínodo dos Bispos em 1967, mas a decisão final sobre como a Igreja se posicionaria acerca do controle da natalidade ficou à cargo do papa Paulo VI. Sua publicação gerou inúmeras manifestações contrárias ao seu conteúdo e também muitas favoráveis, fazendo que o documento fosse motivo de intensas discussões eclesiais e inclusive algumas fissuras e apostasias. Para seus opositores era resultado do moralismo, para seus defensores, um documento profético.

¹⁴ MARENGO, op. cit.; HILDEBRAND, 1993.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ PAULO VI, papa. *Humanae Vitae*. São Paulo: Paulinas, 1968, n. 8, p. 9.

caso de um cônjuge ao outro, era um sinal de amor, portanto, de comunicar seu ser integralmente.

Assim, quem refletir bem deverá reconhecer, de igual modo, que um ato de amor recíproco que prejudique a disponibilidade para transmitir a vida que Deus Criador nele inseriu segundo leis particulares está em contradição com o desígnio constitutivo do casamento e com a vontade do Autor da vida¹⁷.

Assim se fundamenta a Encíclica, mas também comentários a ela, como o realizado por Karol Wojtyła¹⁸ e por Dietrich von Hildebrand¹⁹. É dizer: que uma pessoa de posse de sua razão e de sua liberdade se doa a outra, como resposta ao individualismo e ao egoísmo, sintetizados, por exemplos, em postulados utilitaristas.

Un análisis correcto y penetrante del amor conyugal presupone una idea exacta del matrimonio mismo. El no es “producto de la evolución de fuerzas naturales inconscientes” sino una “comunió n de personas” (n. 8), basada sobre la recíproca donaci3n. Y por eso un recto juicio sobre la concepci3n de la paternidad responsable presupone “una visi3n integral del hombre y su vocaci3n” (n. 7)²⁰.

A interpretaç3o de Karol Wojtyła²¹ convergia com o posicionamento tradicional da Igreja, mas inovava por assim dizer, ao aceitar e potencializar a figura da pessoa na instituiç3o familiar, bem como ao corroborar o conceito de Paternidade Responsável, que recolhe a profundidade do que se queria ressaltar como peculiaridade da pessoa, alinhado ao que propunha Jacques Maritain²²; de um ser aberto para o diálogo e para a transcendência, que elege livremente as opções, que lhe conduz ao aperfeiçoamento pessoal e coletivo.

¹⁷ Ibid. p. 14-15.

¹⁸ WOJTYLA, 2008.

¹⁹ HILDEBRAND, Dietrich von. op. cit.

²⁰ WOJTYLA, op.cit.

²¹ Ibid.

²² MARITAIN, 1984.

A PESSOA HUMANA

Pode parecer redundante falar em pessoa e humana, mas para melhor expressar a importância da singularidade do ser, no privado e no coletivo, era preciso elaborar uma forma inovadora e comunicativa, contando com uma sólida e provada referência, como era a deferência feita aos postulados tomistas, que, em seu tempo, realizavam uma virtuosa defesa da pessoa, frente ao indivíduo²³.

Era dado como certo, por setores do pensamento católico, que a contemporaneidade, apesar de seus avanços, benefícios e disponibilidade de recursos, havia potencializado o individualismo. Para enfrentar esse fenômeno, desenvolve-se uma linha de pensamento que foca sua atenção no fato de que o homem possui individualidade, mas é um ser tendente ao coletivo. Necessita, por isso, estar aberto ao diálogo com o outro, antes que isolado; tende ao além, ao invés de destinar-se exclusivamente à vida ordinária.

Nesse sentido, Jacques Maritain buscava estabelecer as diferenças entre o indivíduo e a pessoa, entendendo que essa era uma diferenciação fundamental de seu pensamento. Para esse filósofo francês, que baseava sua argumentação no postulado tomista, indivíduo era definido como sendo algo que diferencia um ser de outro, apesar de pertencerem ao mesmo grupo, o que seria denominado de individuação. Diz ele: "*es lo que hace que una cosa de la misma naturaleza que otra difiera de esta otra en el seno de una misma especie y de un mismo género*"²⁴.

Nesta perspectiva, o indivíduo preserva as características fenotípicas e genotípicas de sua espécie, sem embargo, há algo que cada ser, cada sujeito possui que é seu, que o faz particular entre o plural. Situação que, quando transposta para a vivência humana, possibilita que Pedro seja diferente de João. Ainda assim, é indicado que não importando quem é, ou qual sua peculiaridade, ambos se encontrariam subordinados ao ato de criação. É dizer que não são autocriados ou surgidos do nada.

²³ Ibid.

²⁴ Ibid. p. 148.

Nesta maneira de se fazer filosofia, se considera a presença do Criador a todo instante. É dizer, a verdade é dada como revelada, entretanto, não plenamente inteligível ao ser humano. Ainda assim, é imperativo, para o bom desenvolvimento do homem, que reconheça e *queira* subordinar-se ao criador. Este querer é um ato de vontade e de busca pela perfeição.

Dito isso, depara-se com o fato de que seres irracionais não poderiam conscientemente subordinar-se, porque precisamente lhes falta a liberdade e a razão para tal ato. O homem sim, pode, ou melhor, deve, segundo o ponto de vista personalista. Há algo escrito em sua natureza que os impele ao transcendente, ao teleológico. Sua individualidade, portanto, não pode ser sua marca primordial.

Para explicitar aquilo que é o pilar de sua existência, estabeleceu-se o princípio da personalidade. Se, em um dado momento, pessoa era um conceito associado à representação ou ação mimética²⁵, esse conceito é superado pelo aprofundamento da análise sobre o ser, conceito enriquecido com a consideração da psique, do corpo, dos imaginários, inscritos em dado tempo e lugar.

Se a primeira coisa que é empregada para diferenciar os sujeitos é a matéria, no caso humano, não pode limitar-se a essa, porque à diferença de outros seres, o homem possui alma. Cada pessoa possui a sua, e dentro da concepção cristã católica, empregada por Maritain²⁶, que transitava coerentemente pelo magistério eclesiástico, cada alma é uma criação específica para cada corpo humano. Feita à medida, não sendo adaptável a outra estrutura corporal.

Por esse motivo, o postulado de Descartes sobre corpo e alma estava erguido em premissas equivocadas, porque, ainda que o corpo fosse resultado da ação biológica humana, no ato da reprodução, se entendeu, a partir de

²⁵ MARITAIN, 1984.

²⁶ Ibid.

Tomás de Aquino²⁷ e posteriormente de Maritain²⁸, que alma e corpo são duas essências de um mesmo ser, antes que uma substância completa, que existe de um lado, independente do corpo, que existe por outro lado.

A personalidade é uma situação relacional, mas distinta. Seu mistério é mais profundo, com um significado mais difícil de conhecer. Devido a essa complexidade, o filósofo elegeu estabelecer como critério para examinar a personalidade o amor. Para tal, começa negando o axioma de Pascal de que nunca se ama a alguém, senão suas qualidades. É taxativo ao dizer que isso é falso, porque o que se ama na pessoa, é diferente do que se ama em um ser inanimado, como uma tela, que neste caso seriam suas qualidades.

O que o ser humano ama é: *“la realidad más profunda, substancial y recóndita, la más existente del ser amado: un centro metafísico más hondo que todas las cualidades y esencias que pueda descubrir y enumerar en el ser amado”*²⁹. Quer dizer, o amor é esse amálgama que une uma pessoa a outra; não é superficial, senão, profundo e essencial. Está na estrutura do próprio ser. Sendo que a pessoa se abre ao outro, em um processo que implica uso da razão, liberdade e sua realidade.

Há nisso tudo um aspecto de eleição de querer³⁰. O ser, ainda que possua as prerrogativas para amar e comunicar-se com o outro, precisa querer esse contato e essa comunicação. Não pode ser forçado a um ato que o violenta, ainda que, se o faz, poderá ser beneficiado por ele, porque entraria em cena, a doação, uma situação voluntária, que enriquece o ser em seu íntimo. Nesse sentido Ferrer diz existirem princípios éticos que permeiam toda a relação conjugal, com a virtude de modelar toda sua existência compartilhada.

La actitud ética del respeto se dirige, por tanto, ya

²⁷ TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*. Madrid: Biblioteca e autores cristianos, 2010. Prime pars, q. 75.

²⁸ MARITAIN, op. cit.

²⁹ *Ibid.* p. 154.

³⁰ FERRER, Urbano. *El principio antropológico de La ética*: en diálogo con Zubiri. Madrid: Thémata/PlazayValdés, 2010.

en el inicio de la relación conyugal al significado del acto en el que se expresa recíprocamente la donación. Y, de modo inverso, la falta de respeto consiste en la falsificación de ese significado, cuando se lo sustituye por la pretendida actitud de dominio técnico sobre las condiciones intrínsecas al mutuo donarse³¹.

Nesse sentido já se pronunciava Hildebrand³² ao tratar da temática do amor entre duas pessoas, é dizer, de um homem e de uma mulher, mas que se complementavam em uma relação dialógica, livre e racional. Destacasse o caráter racional, porque distingue o ser humano de outros seres, mas também porque contribui a romper máximas como as ocasionadas pela confusão entre amor e paixão³³.

Dentro dessa explanação, considera-se apropriado realizar uma ressalva. A personalidade é valorizada e posta como virtude, fato. Entretanto, isso não pode significar ou ser acolhido como uma sugestão de que a individualidade ou a individuação dos seres deva ser extinta. A concretização de um projeto desta natureza, promoveria a destruição também da pessoa, um subsiste com o outro. São autônomos, mas interdependentes.

FAMÍLIA

Ao lançar o olhar em direção a essa instituição, a família, pode-se deduzir que todos têm alguma opinião formada sobre ela, porque, conforme nos recorda Francisco Chacón e Bestard³⁴, todo ser humano, em alguma medida, foi integrado numa organização familiar em algum momento. Entretanto, a simplicidade e obviedade que pode surgir desta observação não terminaria de desvelar suas mais elementares peculiaridades. Ademais, existem inúmeras perspectivas sobre esse objeto, que multiplicam as possibilidades de interpretação.

Para que se tenha uma ideia, ainda que ligeiramente generalista, a

³¹ FERRER, Urbano. Contribuciones a una ética de la familia. In. MUNÁRRIZ, Luis Alvarez; MUÑOZ, Joaquín Guerrero. *Biotecnología y familia: factores socioculturales y éticos*. Murcia: Diego Marin, 1999.

³² HILDEBRAND, 1993.

³³ WOJTYLA, 2008.

³⁴ CHACÓN; BESTARD, 2011.

História da Família é relativamente recente, apesar de narrativas sobre esse objeto existirem há séculos. O ponto é que, durante muito tempo, se examinava sua história como uma organização de perpetuação de modos e hábitos, além de se focar na história dos grupos poderosos, o que fazia que a vivência e o cotidiano das famílias, principalmente das marginadas política ou economicamente, permanecessem esquecidas.

A partir da segunda metade do século XX, com propostas expostas por vários grupos de investigadores, espalhados por diversas regiões, passou a existir uma diversificação da análise. Por exemplo, houve a observação e análise do parentesco, das psicologias, da teologia e também da personalidade dentro desta instituição. Ademais, a política estatal se apropriou da narrativa de defesa dos valores familiares, passando a rivalizar com a Igreja Católica, que pioneiramente se outorgara o papel de sua defensora.

Dentro desse processo de construção de narrativas e modelos de análise, nos centraríamos em uma perspectiva de caráter mais personalista. Deste modo, acreditamos filtrar um pouco os elementos que circulam a seu redor em busca de entender uma “nova proposta” do que é a família e das atribuições de cada um de seus integrantes. Entretanto, é importante frisar que o visto é a formação de uma representação da família, porque chegar à definição cabal do que ela seja é praticamente impossível, haja vista a diversidade de estudos e de hipóteses propostas sobre sua organização³⁵.

A família cristã pensada e projetada pelo personalismo reúne elementos racionais e da Criação em uma mesma definição. Entende que a pessoa é ser racionalmente livre, ao mesmo tempo em que é criatura divina. Essa situação a conduz a um projeto mais amplo e profundo do que simplesmente viver, ou deixar que os acontecimentos ocorram de maneira ordinária. A pessoa elege um caminho ou outro, é livre para isso. Visando ao bem, decide de forma que se coloca em comunicação com o Criador, por isso, quando realiza o bem, se faz participe da vontade e do plano divino.

³⁵ CHACÓN; BESTARD, 2011.

Quando um homem e uma mulher – e isso é importante porque, para o personalismo, a família deveria ser pensada nesses limites – decidem formar uma nova família, entram em cena uma série de elementos de ordem existencial e teleológica. Por exemplo, quando se pensa a constituição de uma família, leva-se em consideração a coparticipação no projeto de criação de Deus, portanto, implica uma abertura à Lei Natural, inscrita no íntimo do ser humano, por exemplo, relacionada à procriação.

A este propósito sorprendemos un fin inscrito en la verdad de la entrega conyugal al que los cónyuges deben respeto. Es la primera de las actitudes éticas que vislumbramos en el interior de la familia. La procreación no es, ciertamente, el fin-motivo de la relación entre los esposos, el cual queda ya suficientemente expuesto en el amor mutuo, pero sí aparece como el fin-efecto al que se ordena por naturaleza la vida conyugal, sin que ella lo haya establecido³⁶.

Ao se entender que a formação de uma família é um ato livre e racional, portanto, essencialmente pessoal, se estabelece para os personalistas a prerrogativa de que o casal está disposto a estabelecer um diálogo franco no sentido horizontal, um com o outro, e no sentido vertical, destes com Deus. Essa comunicação pode concretizar-se, por exemplo, na abertura à vida, conforme exposto por Ferrer.

PATERNIDADE RESPONSÁVEL: ABERTURA À VIDA

Estar aberto à vida, nesse contexto, significaria colocar-se em situação de copartícipes no ato de criação, conforme enunciavam os autores personalistas³⁷. Por isso, diziam que a reprodução humana é procriação. Homem e mulher se declinam livre e racionalmente a gerar uma nova vida humana, ato que implica diretamente uma ação divina. Por isso, há de

³⁶ FERRER, 1999. p. 172.

³⁷ MARITAIN, 1984; HILDEBRAND, 1993; WOJTYLA, 2008.

se respeitar os limites estabelecidos por Deus e inscritos na Lei Natural, de se respeitar os limites impostos pela natureza à hora da realização do planejamento familiar, considerando o que Paulo VI e João Paulo II denominavam Paternidade Responsável.

Constata-se que a família, na esfera personalista, subordina decisões individuais e coletivas a um plano transcendente³⁸. O ser humano, pessoa, não está isolado, senão imbricado em uma rede, que inclui seus semelhantes, aqueles de sua própria espécie, mas também uma realidade criada à qual ele se subordina. Portanto, as decisões matrimoniais se subordinam a regras mais abrangentes que a simples vontade do casal, por exemplo, de ter mais ou menos filhos.

De todos os modos, tanto os pensadores personalistas, como o Magistério Eclesiástico, a partir do período conciliar, estabelecem o fator da liberdade e da racionalidade dos sujeitos. Por esse motivo, não se acolhe a Lei Natural como uma imposição, mas como uma fonte comunicativa. De tal maneira, o casal utilizando-se de sua liberdade (livre arbítrio), conforme exposto por Maritain³⁹, poderia decidir o que fazer. Haja vista o que se estabelece no magistério de Paulo VI, a encíclica *Humanae Vitae* diz:

*Em relação às condições físicas, econômicas, psicológicas e sociais, a paternidade responsável exerce-se tanto com a deliberação ponderada e generosa de fazer crescer uma família numerosa, como com a decisão, tomada por motivos graves e com respeito pela lei moral, de evitar temporariamente, ou mesmo por tempo indeterminado, um novo nascimento*⁴⁰.

Nessa linha de pensamento e de interpretação personalista, podemos recorrer às palavras de Dietrich Von Hildebrand⁴¹ que, mantendo-se

³⁸ FERRER, op. cit; MARITAIN, op. cit.

³⁹ MARITAIN, 1984.

⁴⁰ PAULO VI, 1968. n. 10. p. 12.

⁴¹ HILDEBRAND, 1993.

coerente com o exposto pelo pontífice acerca desta característica da família, explica que homem e mulher estão imersos em uma realidade mais ampla que apenas seu mundo, porque devem prestar atenção ao que sua própria natureza lhes comunica: a necessidade de estar abertos ao transcendente, porque o ser humano traz dentro de si um projeto teleológico.

Precisamente pela constatação desta teleologia, ou mais autoteleologia, conforme propunha Karol Wojtyła, a pessoa deve ser respeitada como ser individual, racional e livre. Por esse motivo, lê-se com bastante atenção o parágrafo da *Humanae Vitae* onde se encontra que o matrimônio possui as ferramentas para decidir sobre a Paternidade Responsável. Esposo e esposa, decididos a ampliar ou retardar a geração de uma nova criatura, deverão ser respeitados, ainda mais quando se entende que esses, de posse do conhecimento dos ritmos biológicos, decidem postergar a geração de uma nova criatura.

Hildebrand é muito claro em suas palavras, demonstra com pertinência e sagacidade que não se pode interferir arbitrariamente na decisão de um matrimônio, além do que, alerta para o fato de que não existe uma ilicitude moral, incoerente com a Lei Natural, de que se utilize o ritmo biológico, como uma “Pílula católica”.

Nor is the practice of rhythm to avoid conception in any way irreverent, because the existence of rhythm – that is to say, the fact that conception is limited to a short period – is itself a God-given institution. In Section 6 we shall show in greater detail why the use of rhythm implies not the slightest irreverence or rebellion against God’s institution of the wonderful link between the love union and procreation; it is in no way a subterfuge, as some Catholics tend to believe. On the contrary, it is a grateful acceptance of the possibility God has granted of avoiding conception – if this is legitimately desirable – without preventing the expression and fulfillment of spousal love in the bodily union⁴².

⁴² Ibid. p. 38.

Ainda que haja o destaque para o fato de que a postergação de um novo nascimento deve ser de curta duração, ressalta-se o fato de o pensador valorizar o ritmo biológico como um dom divino, não podendo, portanto, ser avaliado como um mal. Assim, dentro da perspectiva personalista, não existiria uma negação ou uma contradição entre a realização do controle da natalidade e a preservação de valores humanos.

Neste caso, o amor serve como o cimento que une as pessoas, capaz de uni-las de uma forma tão íntima e profunda que, em palavras de Hildebrand (1993), nenhuma fusão lhe poderia ser comparável. O ponto chave, nesse processo, é portanto, a razão, a liberdade e a comunicação, as quais, apesar da incompletude, se resumiriam como amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não seja algo exclusivo do século XX, foi durante esse período que se consagrou a visão de que a sociedade está em crise. Por isso, alguns intelectuais e instituições acreditavam ser preciso oferecer uma mudança de rota, para salvá-la de sua derrocada. Essa situação cria o cenário para o fortalecimento da visão personalista sobre a existência humana, que chegou a impregnar a Igreja Católica e o Magistério pós-conciliar.

Acreditamos que a valorização do ser humano como pessoa, em vez de apenas como indivíduo, serviu como mecanismo de combate aos desvios sociais. A prerrogativa era de que a pessoa estava inscrita em um plano muito mais abrangente, que considerava como ponto elementar o fato de ser uma criatura divina. Nessa percepção, eram imprescindíveis aspectos como a liberdade e uso da razão, que poderiam ser sintetizados na relação baseada no amor.

A pessoa traz como elemento estruturante a necessidade de que a relação humana seja fundamentada no ato comunicativo e na doação, porque assim o ser humano se abre ao outro, deixando sua existência egoística. Nessa conjuntura, o magistério eclesiástico reforça sua

argumentação nessa linha, com destaque para a publicação do documento conciliar *Gaudium et spes* e para a encíclica *Humanae Vitae*, que recolhem argumentos plenamente personalistas, por localizar o ser humano dentro daquelas características citadas anteriormente.

Essa premissa se evidencia de maneira evidente no magistério sobre a procriação humana, entendida e difundida como Paternidade Responsável. O ser humano aberto à vida se enquadra em situação de adequação à Lei Natural, de respeito às diretrizes estabelecidas por Deus e legadas à pessoa. Por isso, o controle da natalidade foi aceito oficialmente pela Igreja, desde que respeitasse alguns critérios essenciais, como o respeito ao ritmo biológico, vetando-se deste modo o uso de contraceptivos artificiais. Essa situação é resultado de um processo dialógico, livre e racional. Na medida em que: "(la) dinámica del amor conyugal antes descrita no obedece, por tanto, a una supuesta meta individual previamente esbozada, sino que se consolida desde sí misma"⁴³.

Por isso se pode considerar a moralidade do controle da natalidade como um ato coerente com a visão personalista, haja vista que se mostrou viável para os fiéis e para quem convergisse com seus postulados. Para quem discordasse, poderia até parecer algo abstrato, pois o argumento se fundamentava em grande medida na necessidade de crer em Deus e em Seu plano para o ser humano. Ainda assim, o personalismo e sua perspectiva sobre a humanidade foram fundamentais na formulação do pensamento cristão católico do século XX, sendo fundamental entendê-lo, para captar a complexidade do enunciado eclesial sobre a pessoa e sobre seus hábitos.

⁴³ FERRER, 1999. p. 172.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDRT, Hannah. *La condición humana*. Barcelona: Paidós, 1993.
- BURGOS, Juan Manuel. *Diagnóstico sobre la familia*. Madrid: Palabra, 2004.
- CHACÓN, Francisco; BESTARD, Joan. *Familias. Historia de la sociedad española: del final de la Edad Media a nuestros días*. Madrid: Cátedra, 2011.
- CHENAUX, Philippe. *El concilio vaticano II*. Madrid: Encuentro, 2015
- CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Constituição Pastoral *gaudium et spes*. In:_____. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- FERRER, Urbano. Contribuciones a una ética de la familia. In.: MUNÁRRIZ, Luis Alvarez; MUÑOZ, Joaquin Guerrero. *Biotecnología y familia: factores socioculturales y éticos*. Murcia: Diego Marin, 1999.
- FERRER, Urbano. *El principio antropológico de La ética: en diálogo con Zubiri*. Madrid: Thémata/PlazayValdés, 2010.
- HILDEBRAND, Dietrich von. The encyclical *Humanae Vitae*: A sign of contradiction. In. SMITH, Janet E. *Humanae Vitae was right: a reader*. San Francisco: Ignacio press, 1993.
- KAISER, Robert Blair. *The politics of sex and religion*. Disponível em: <<http://www.smashwords.com>> (eBook), 2012.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica y crisis: un estudio sobre la patogénesis del mundo burgués*. Madrid: Trotta, 2007.
- MARENCO, Gilfredo, La nascita di un'enciclica: *Humanae Vitae* alla luce degli archivi vaticani. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018.
- MARITAIN, Jacques. *Para una filosofía de la persona humana*. Buenos Aires: Club de lectores, 1984.
- PAULO VI, papa. *Humanae Vitae*. São Paulo: Paulinas, 1968.
- TOMÁS DE AQUINO, São. *Suma Teológica*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2010
- WOJTYLA, Karol. La verdad de la *Humanae Vitae*. *Revista de antropología y cultura cristiana*, v. 13, n. 19, p. 8-18, 2008.